

Visconde de Taunay leitor da *Revue des Deux Mondes*

Kátia Aily Franco Camargo

Paulo Henrique da Silva Gregório

Com o intuito de traçar um panorama acerca das imagens da terra e da gente brasileiras presentes no romance *Inocência*, de Visconde de Taunay, este artigo expõe os primeiros passos de uma pesquisa de iniciação científica, a qual encontra-se vinculada a um projeto de pesquisa mais abrangente, cujo tema é *As Imagens do Brasil: um paralelo entre a Revue des Deux Mondes e os romances de Alfredo d'Escragolle Taunay*. Para isso, tomaremos como embasamento os pressupostos da teoria Imagológica proposta por Daniel-Henri Pageaux (2001).

A imagologia estuda as representações do Outro utilizando como viés as imagens literárias. De acordo com essa teoria, três contextos devem ser levados em conta quando se estuda qualquer tipo de imagem ou representação: o da obra (ou do elemento estrangeiro tido como referente), o do autor e o histórico. É indispensável que durante o processo de análise haja um entrelaçamento entre esses, visto que cada abordagem apresentará resultados próprios. Uma outra concepção evidenciada na teoria imagológica é a de imaginário social, cujo conhecimento se torna indispensável no estudo das imagens. Trata-se de um conjunto de atributos e caracteres simbólicos e imagéticos, os quais integram uma determinada cultura, ou mesmo algum grupo social específico. Mais adiante, quando partiremos para a análise propriamente dita do texto literário, faremos uma retomada desses conceitos propostos pela imagologia.

Levando em consideração que o presente artigo fará menção à *Revue des Deux Mondes*, julgamos necessário tecer um breve comentário acerca desse periódico francês, cujos dados foram recolhidos do livro *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*, da Prof^a. Kátia Camargo (2007). A referida revista publicou, ao longo do século XIX, diversos artigos relacionados ao Brasil. Esses artigos, quase em sua quase totalidade, consistiam em representar o nosso país a partir de uma comparação com elementos da cultura francesa. O Brasil era utilizado para divulgar os valores e a ideologia defendidos pela revista, tais como a monarquia e o fim da escravidão

(CAMARGO, 2007). É válido destacar que o nosso foco não é a *Revue*, mas sim o romance *Inocência*.

Dentre os vários nomes que publicaram artigos sobre o Brasil na *Revue des Deux Mondes*, dois são de escritores que aqui viveram: Emile Adet e Pereira da Silva. Quem aqui também passou a vida e, a partir de suas impressões criou *Inocência*, romance mundialmente conhecido, foi Taunay. De família nobre, filho de Félix Emílio Taunay e Gabriela de Robert d'Escragnolle, Alfredo d'Escragnolle Taunay cresceu em um meio culto, onde a arte e a literatura se faziam presentes. Obteve o título de bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, pela Escola Militar, inscrevendo-se, posteriormente, no curso de Engenharia Militar. Diante da entrada do Brasil na Guerra do Paraguai, é obrigado a interromper o curso de Engenharia, pelo fato de ter sido escalado para atuar nessa guerra, exercendo a função de auxiliar da Comissão de Engenheiros. A campanha lhe proporcionou a oportunidade de percorrer as mais diversas paisagens pelo interior do Brasil, muitas das quais reproduziu em desenho, atendendo a um pedido de seu pai. A obra *A Retirada da Laguna* (1871), escrita originalmente em francês, na qual encontramos, além da narração do episódio da Retirada da Laguna, descrições minuciosas das paisagens, é resultado das suas viagens realizadas durante o período da guerra. Após a guerra, recebe, no Rio de Janeiro, uma medalha de Mérito Militar, conseguindo, posteriormente, o posto de major. Na escola militar, lecionou línguas e história (MARETTI, 2006; VASCONCELLOS).

Depois desse período da Guerra do Paraguai, Taunay volta-se para a política, letras e artes. Indicado pelo Visconde do Rio Branco ingressa na carreira política, candidatando-se a deputado geral pelo estado de Goiás. Filiado ao Partido Conservador, exerceu cargo de deputado geral pelas províncias de Goiás e Santa Catarina, tendo sido, mais adiante, senador e presidente desta última. Apesar de membro do Partido Conservador, suas idéias eram consideradas muito avançadas para a época. Ele era defensor do casamento civil, do fim da escravidão, além de incentivador da imigração européia. Já na fase final do Império, é condecorado com o título de Visconde de Taunay. Após a queda da monarquia, com a proclamação da República, se desvincula da política, visto que era defensor convicto da monarquia. Além de político, ele também trabalhou como jornalista, romancista, historiador, músico, crítico e pintor. Atuou, inclusive, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (VASCONCELLOS).

Os romances de Taunay que mais repercutiram foram *Inocência* e *A Retirada da Laguna*. No entanto, outras obras foram escritas por ele, dentre as quais podemos citar *Mocidade de Trajano* (1870) e *Ouro sobre Azul* (1875). Ele tinha consciência de que *Inocência* e *A Retirada da Laguna* seriam as obras que o levariam à imortalidade. A primeira, particularmente, “pelo cunho de realidade e por concretizar uma aspiração literária fundamental do Romantismo: o nacionalismo estético” (CANDIDO, 2000, p. 277).

Publicado em 1872, *Inocência* reproduz muito das experiências de Taunay pelos sertões do Brasil. A temática da obra consiste basicamente em um amor proibido entre dois jovens: Cirino e Inocência. Ela, nascida e criada sob o regime de reclusão, tão comum à sociedade do século XIX. Ele, um curandeiro que se auto-intitula médico, percorrendo o interior do Mato Grosso, Minas e redondezas, em busca de pacientes. É justamente por meio do seu ofício que ele é conduzido à casa de Pereira, pai de Inocência. Tudo começa a partir de um encontro entre os dois homens, pela estrada. Depois de muito conversarem, Pereira revela que está com a filha doente e, como o outro havia dito que era médico, ele o levaria para que tratasse da moléstia da menina. Logo no primeiro contato, os dois se apaixonam. Só que havia um problema: ela já havia sido prometida em casamento a um primo seu, o Manecão. Visto que ele estava em viagem, o casamento ainda não havia se concretizado. Era apenas uma questão de tempo. No entanto, Inocência decide lutar pelo amor de Cirino, resistindo, para tanto, ao casamento com o primo. Além do pseudo-médico, Pereira hospedava em sua casa uma outra personagem, o Meyer, um naturalista alemão que veio ao Brasil em busca de novas espécies de insetos. Não acostumado às tradições, aos costumes do homem do sertão, ele não poupa elogios à beleza de Inocência (atitude, provavelmente, comum em seu país). Por isso, o pai da jovem menina desconfia que ele é quem provocou uma reviravolta na cabeça dela, fazendo renegar a idéia do casamento com Manecão. Mas o anão Tico, que também habitava a casa do sertanejo, sabia de tudo. Ele acompanhara as entrevistas feitas por Cirino à Inocência e, apesar de não falar, sabia se fazer compreender por meio de gestos. Cirino resolve partir, em busca de um padrinho de Inocência, Antônio Cesário, ao qual Pereira devia favores, na esperança de ele convencer o compadre de que o casamento entre ela e o primo não deveria se concretizar. A princípio, Cesário se sente ofendido com a proposta. Mas se comove como o sofrimento do rapaz, lhe prometendo que pensaria no assunto. Nesse mesmo

período, Manecão volta de viagem. Diante da irredutibilidade da moça em relação ao casamento, da revolta do pai contra Meyer, o anão Tico revela a verdade: era por Cirino que Inocência estava apaixonada. Furioso, Manecão parte em busca do rapaz e o acerta com um tiro. Antônio Cesário, tardiamente, quando ia ao encontro de Cirino, decidido a interceder em seu favor, o encontra atirado ao chão, quase desfalecido. Ele morre chamando pelo nome de sua amada. Tempos depois, já casada, Inocência entrega-se à morte. No entanto, é imortalizada pelo Meyer, o qual nomeia *Papilio Innocentia* uma espécie rara de borboleta, encontrada por ele em suas viagens pelo interior do Brasil.

Como foi dito acima, em *Inocência*, Taunay reproduz muitas de suas experiências vividas no interior do país, conferindo um aspecto documental à obra. Ele informa, ilustra, mas, ao mesmo tempo, faz literatura. Em sua obra, ecoam os ensinamentos de Ferdinand Denis no que diz respeito à utilização do cenário local em detrimento do europeu, na criação do texto literário, no intuito de mostrar a real identidade da nação independente. No entanto, ele diverge do mestre Denis ao utilizar a natureza não como um relato de viagem, descrevendo-a de forma puramente realista, mas aproveitando-a como tema literário (BAREL, 2004). A natureza ora é descrita de forma lírica, ora racional, traço que também é percebido nas descrições dos hábitos e costumes do homem do sertão. No primeiro capítulo, *O sertão e o sertanejo*, no qual encontramos uma exposição minuciosa dos elementos que compõem a paisagem do sertão do centro-sul e do sertanejo que aí habita, podemos distinguir passagens em que há o predomínio do poético, de outras que, por sua vez, prevalece o racional. Segue dois trechos, nos quais um e outro aspecto, respectivamente, podem ser facilmente identificados.

Minando à surda na touceira, queda a vívida centelha. Corra daí a instantes qualquer aragem, por débil que seja, e levanta-se a língua de fogo esguia e trêmula, como que a contemplar medrosa e vacilante os espaços imensos que se abrem diante dela. Soprem então as auras com mais força, e de mil pontos a um tempo rebentam sôfregas labaredas que se enroscam umas nas outras, de súbito se dividem, deslizam, lambem vastas superfícies, despedem ao céu rolos de negrejante fumo e voam, roncando pelos matagais de tabocas e taquaras, até esbarrarem de encontro a alguma margem de rio que não possam transpor, caso não as tanja para além o vento, ajudando com valente fôlego a larga obra de destruição. (TAUNAY, 1999, p. 25)

O legítimo sertanejo, explorador dos desertos, não tem em geral família. Enquanto moço, o seu fim único é devassar terras, pisar campos onde ninguém antes pusera pé, vadear rios desconhecidos, despontar cabeceiras e furar matas que descobridor algum até então haja varado. (TAUNAY, 1999, p. 30)

No primeiro trecho, percebemos a utilização de recursos próprios da linguagem poética, tais como o uso de metáforas e a adjetivação. No outro fragmento, o narrador esboça a figura do sertanejo de forma simples e direta. Encontramos em *Inocência* uma descrição pormenorizada desse habitante do interior, representado pela figura de Pereira. Seus costumes, suas crenças, seu apego à tradição, o zelo pela própria honra e a da família, a visão preconceituosa em relação à mulher, sua linguagem carregada de regionalismos, a hospitalidade com que acolhe o viajante. Esse último traço fica evidente no trecho que segue:

— Pois então, interrompeu Pereira, ponha pé no chão e pise forte, que o terreno é nosso. A minha casa, já lhe disse, é pobre, mas bastante farta e a ninguém fica fechada. (TAUNAY, 1999, p. 47)

Bastante hospitaleiro, Pereira acolheu não só a Cirino mas também o naturalista Meyer, o José, e qualquer viajante que por ali passava e lhe pedia abrigo. A hospitalidade do sertanejo é questão controversa em artigos publicados sobre o Brasil na *Revue des Deux Mondes*: alguns ressaltam esse aspecto positivo do habitante do sertão, principalmente para com o estrangeiro; outros destacam a pouca hospitalidade, os obstáculos impostos pelas famílias para que o estrangeiro adentrasse em suas casas.

A imagem da mulher brasileira que a *Revue* traz à tona se assemelha, em parte, àquela encontrada no romance de Taunay. As duas visões convergem no que diz respeito à reclusão em que elas viviam. No entanto, sob a óptica da revista francesa, a mulher brasileira é considerada feia, sem graça, bem diferente da protagonista do romance que estamos analisando. *Inocência* é descrita de forma bastante idealizada, apresentando, inclusive, traços típicos das mulheres européias, como a palidez e a brancura, traços que podem ser percebidos no fragmento abaixo:

Do seu rosto irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno, que, a custo, parecia coar por entre os cílios sedosos a franjar-lhes as pálpebras, e compridos a ponto de projetarem sombras nas mimosas faces.
Era o nariz fino, um bocadinho arqueado; a boca pequena e o queixo admiravelmente torneado. (TAUNAY, 1999, p. 57)

Além da reclusão, o romance evidencia um outro traço da mulher sertaneja do século XIX: a submissão à vontade de um homem, seja ele seu pai ou esposo. *Inocência*, a princípio é subordinada à autoridade de Pereira. Essa condição faz com que ela, apesar da fracassada resistência, se case com Manecão. É grande a preocupação do sertanejo em, desde cedo, casar logo a filha, pois julga a mulher como perigosa, capaz

de pôr uma família em desonra. É em nome da honra que ele renega a possibilidade do romance entre sua filha e Cirino, posto que a primeira já havia sido prometida ao primo. Segue um trecho em que Pereira expõe sua opinião acerca das mulheres, considerada “injuriosa” pelo narrador:

— Esta obrigação de casar as mulheres é o diacho!... Se não tomam estado, ficam *jururus e fanadinhas*...; se casam, podem cair nas mãos de algum marido malvado... E depois, as histórias!... Hi, meu Deus, mulheres numa casa, é coisa de meter medo... São redomas de vidro que tudo pode quebrar... Enfim, minha filha, enquanto solteira, honrou o nome de meus pais... O Manecão que se agüente, quando a tiver por sua... Com gente de saia não há que fiar... Cruz! botam famílias inteiras a perder, enquanto o demo esfrega um olho. (TAUNAY, 1999, p. 53)

Na *Revue des Deux Mondes*, a natureza é tratada de forma exuberante, repleta de cores fortes, de matas virgens. O romance nos traz esse elemento não de forma superficial, mas carregada de um cientificismo, de uma preocupação em não apenas inserir a paisagem no enredo trágico-amoroso, mas introduzindo detalhes acerca do ambiente, revelando a erudição, o profundo conhecimento do autor acerca dessa natureza.

Ora, é a perspectiva dos *cerrados*, não desses cerrados de arbustos raquíticos, enfezados e retorcidos de São Paulo e Minas Gerais, mas de garbosas e elevadas árvores que, se bem não tomem todo o corpo de que são capazes à beiradas águas correntes ou quando regadas pela linfa dos córregos, contudo ensombram com folhuda rama o terreno de que lhes fica em derredor, e mostram na casca lisa a força da seiva que as alimenta; ora, são campos a perder de vista, cobertos de macega alta e alourada, ou de viridente e mimosa grama, toda salpicada de silvestres flores; ora, sucessões de luxuriantes capões, tão regulares e simétricos em sua disposição que surpreendem e embelezam os olhos; ora, enfim, charnecas meio apauladas, meio secas, onde nasce o altivo buriti e o gravatá entrança o seu tapume espinhoso. (TAUNAY, 1999, p. 24-25)

A partir da análise das imagens em *Inocência*, sob a óptica da teoria imagológica, pudemos chegar à conclusão de que o imaginário social no qual está inserido o Visconde de Taunay permeia as imagens encontradas no processo de busca pelas representações do Brasil no referido romance. Quando o autor esboça a imagem da natureza brasileira, deixa entrever o seu engajamento com o ideal de busca pela afirmação nacional vigorante no período pós-independência, sofrendo influência, principalmente, dos ensinamentos de Ferdinand Denis. Além disso, a experiência de Taunay adquirida com as viagens pelo interior do país empreendidas durante a Guerra do Paraguai, também contribuiu diretamente para a construção dessa imagem. Esses

mesmos fatores, somados à falência da corrente indianista difundida no início do Romantismo brasileiro e o surgimento de uma nova figura que passou a representar o Brasil, o habitante do interior, interferiram na elaboração da imagem do sertanejo. Por fim, a criação da imagem da mulher estava atrelada tanto ao ideário romântico de idealização quanto à própria experiência do autor.

REFERÊNCIAS

BAREL, A. B. D. . O Brasil dos Taunay: questões identitárias nas relações França-Brasil no século XIX. Actas do IV Congresso Internacional de Literatura Comparada - Universidade de Evora, Evora - Portugal, 2004.

CAMARGO, K. A. F. **Revue des Deux Mondes**: intermediária entre dois mundos. Natal: EdUFRN, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

MARETTI, M. L. L. **O visconde de Taunay e os fios da memória**. São Paulo: Unesp, 2006.

TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. São Paulo: FTD, 1999.

VASCONCELLOS, Francisco de. O centenário da morte do Visconde de Taunay. Disponível em < <http://www.ihp.org.br/docs/fjrv19990119.htm>>. Acesso em: 27 de Fevereiro de 2008.